

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
11 e 27 de janeiro de 2023

LE GAI SAVOIR / 1968

Argumento: Jean-Luc Godard / **Fotografia:** Georges Leclerc / **Montagem:** Germaine Gohen / **Música:** Hino da Revolução Cubana / **Interpretação:** Juliet Berto (Patricia Lumumba), Jean-Pierre Léaud (Émile Rousseau).

Produção: ORTF, Anouchka Films, Batavia Atelier (Munique) / **Cópia:** dcp, cor e preto e branco, com legendas electrónicas em português, 92 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal.**

– *Si tu veux voir le monde, ferme les yeux,
Rosemonde.*

Ouviremos alguns *bips* intrigantes na banda sonora de **Le Gai Savoir**. Instantâneos ou mais ou menos longos, eles parecem por vezes integrar-se na proliferação de sons que, na maior parte do tempo, domina o filme. Será preciso lembrar, então, que **Le Gai Savoir**, depois de proibido por uma das entidades que o co-produziram – a ORTF – esteve também interdito pela censura francesa. Podemos supor que tais ruídos ficaram como restos daquele gesto, suprimindo (um pouco à maneira do que em rádio ou televisão já se fez em diversos contextos) as palavras classificadas como inadmissíveis – aliás, quase sempre, as legendas inglesas permitem confirmar a adequação deste raciocínio ao objecto exposto. O que é irónico é o facto não poder deixar de dizer também as razões do que a ele resiste, um pouco à maneira das imagens ou discursos de propaganda, quase inevitavelmente condenados a gerar o seu contrário. Se, por momentos, hesitamos sobre a origem de tais sons, isso significa apenas que o filme – porque se faz na procura desesperada do que se diz no que parece dizer-se: *vous ne connaissez plus le monde de votre langue* - tem armas para dizer também, de algum modo integrando-o, aquilo que resiste ao seu dizer. Neste sentido, **Le Gai Savoir** é o filme pleno de uma alegria de saber que vê/ouve em cada objecto a revelação de outro.

JEAN-LUC GODARD

– *C'est un parapluie anti-atomique?*
– *Oui, mais je m'en serve comme réflecteur
de conscience.*

Os franceses têm uma excelente expressão que nos pode ajudar na descrição do que é **Le Gai Savoir**: o que se conta para completar alguma informação mais grave ou mais extensa, ou apenas mais complexa, conta-se *pour la petite histoire*. Para isso também, lembremos que **Le Gai Savoir** tem cerca de dez minutos de imagens em negro, ou de filme sem imagens, ou de negro feito imagem. Esta dificuldade de ver – mas o negro de cinema não é o lugar em que o nada que se distingue representa o todo da visão? – é o tema aglutinador do filme. Assim, **Le Gai Savoir** não é um discurso teórico filmado sobre os modos de leitura de um filme; é antes um filme que se violenta na diversidade de imagens e sons que pode integrar, mesmo sem

compreender. Pormenor esclarecedor: o tempo de execução do filme vai de Dezembro 67/Janeiro 68 (rodagem) aos meses que se seguiram a Maio (montagem e mistura). Significa isto que há no seu interior um buraco – negro, negro, como esses que no espaço transfiguram as próprias coordenadas do espaço – a que, politicamente, podemos chamar Maio de 68. Mas o nome não recobre a coisa. *On va retourner à zéro.*

Este é, na verdade, o zero de um percurso cuja disponibilidade para as trajectórias labirínticas (lá está uma perto do final, depois da invocação a Mozart) se diz também numa desconcertante linearidade. O filme seguinte chamar-se-ia, à letra, **Um + Um** e não é preciso procurar nenhuma caução na moda para reconhecer que ambos definem um caso limite na cultura europeia dos anos 60: celebram festivamente (estão longe de ser filmes niilistas, mesmo se se revelam atravessados por uma angústia que quer comunicar para além dos códigos instalados de comunicação) o aniquilamento cultural de evidências políticas que pela Europa foram passando e, por vezes, ficando. Dizem um apocalipse que não é vazio, mas super-habitado por imagens, sons, mensagens decifradas e por decifrar, prisioneiras ou por inventar.

No fundo (mas é um fundo que se deixa ler como superfície, de tal modo se vivia um tempo em que as hierarquias da percepção em sociedade eram sujeitas as mais impressionantes formas de vacilação – e é um mito de Maio pensar que isso só aconteceu em Maio e nunca mais aconteceu, nem mesmo hoje, ali, ao virar da esquina), Godard, logo após esse fim real e simbólico que foi **Week-End**, vem dizer aqui a imensa indecisão que o ver e o ouvir não podem deixar de viver perante a pluralidade da história. No princípio, como que emergindo do negro que o ecrã já é (no tempo de **Une Femme Mariée**, o ecrã branco sinalizava a entrada dos corpos sem história, agora são corpos históricos, habitantes de Maio, que se cruzam, algures, entre as paredes de um estúdio de cinema parisiense), descobrimos ainda o par, um par; Patricia Lumumba e Émile Rousseau, quer dizer, personagens que o são da sua história e da história de outros. Da vontade de interrogar à definição de um nós onde seja possível ler a diferença de tu perante eu, vai um caminho que desmutiplica as próprias funções do acto de ser espectador de cinema. Com leviana facilidade, disse-se, continua e certamente continuará a dizer-se que Godard abraçava aqui os princípios, do marxismo-leninismo, construindo os seus filmes como objectos de ensinamento para espectadores arrebanhados em pedagogia de revolução.

Pobres espectadores que tal esperam. É uma violenta transformação do mundo e das suas transparências instaladas que se joga, alterando a própria hierarquia da percepção: *il faut que l'oeil écoute avant de regarder*. O marxismo e outros ismos que dão o que podem nas ficções de Godard (e Godard pergunta-lhes sempre o que eles tem para dizer – fala-me a tua verdade, é a sua pedagogia), valem tanto quanto vale, por exemplo, em filmes anteriores, a publicidade: são discursos que nos integram e que, por isso mesmo, não podem deixar de ser pensados na história que definem (e nós lá dentro: nada é exterior, tudo é *in*, tudo é *off* – ao filme pertence cortar, recortar, compor e recompor, definir outra melodia).

O tempo também é outro. Feito sobre a hora, eminentemente presente e do presente, **Le Gai Savoir** diz isso na organização peculiar do seu ritmo. *D'abord voir*. Depois o percurso necessário para colocar as perguntas: um ano, dois anos, uma outra galáxia, e tudo ali na evidência de 1968. Alegrementemente, mesmo quando é difícil ver.

João Lopes